

ALBERTO S. SANTOS

# A Profecia de Istambul

# 1

## O BANQUETE DE ADRIANÓPOLIS

março de 1305,  
Constantinopla e Adrianópolis<sup>1</sup>

O céu vermelho e tardio de Constantinopla, pintalgado por um bando de nervosos corvos pretos, que crocitavam com o vigor dos infernos, era a abóbada com que o cosmos cobria Roger de Flor e Maria da Bulgária, na despedida.

– Nunca pensei que amaria tanto um homem como tu!

Maria alisava, com carinho, os cabelos negros e compridos do marido, afagados pela brisa que soprava o perfume primaveril do Bósforo.

A jovem princesa casara com o comandante da Companhia dos Almogávares<sup>2</sup> por imposição do tio, o imperador bizantino Andrónico II Paleólogo. O que começara por ser uma condição, entre outras contratadas, para que ali viesse correr com os turcos, que metiam ferro e fogo nas cidades de fronteira, transformara-se em cúmplice e deleitada afeição.

– Meu *Megas Duox*<sup>3</sup>, não vás para Adrianópolis! Ouve o que te diz Berenguer: ele não confia em Miguel, e eu tenho um mau pressentimento...

<sup>1</sup> Antiga cidade da Trácia, atual Edirne, na Turquia europeia. Em 1361, 56 anos depois destes factos, Murad I conquistou-a aos cristãos bizantinos, transformando-a, então, em capital do Império Otomano.

<sup>2</sup> Do árabe *al-mogavar*, o que faz algaras ou corridas. Feros guerreiros cristãos de fronteira que combateram os muçulmanos na Reconquista peninsular e, quando esta terminou, fora da Península Ibérica. A fama da Companhia de Almogávares aragoneses-catalães-valencianos estendeu-se até ao Oriente (Império Bizantino), onde foram protagonistas de uma epopeia sem precedentes, que durou entre 1302 e 1388. Em permanente inferioridade numérica, alcançaram vitórias assombrosas sobre os exércitos turcos.

<sup>3</sup> O quarto cargo em importância depois do próprio imperador dentro da alta hierarquia político-militar no Império Bizantino.

Roger acariciou-lhe com ternura a barriga crescida, onde se agasalhava o rebento já com mais de três meses de gestação, e beijou, meigo e carinhoso, a testa suada da esposa. A tensão e o temor emergiram-lhe, líquidos, à alva pele.

– Esta criança há de ser muito importante...! Muito importante, Maria...!

– Eu sei, meu amo. Haverá de ser batizada segundo o rito romano!

Atrás de um olhar triste, Maria lembrava-se que nascera ortodoxa, filha de Irene, a irmã do imperador, e do destronado João III Asen da Bulgária. Contudo, depois do casamento forçado com o católico Roger de Flor, convertera-se em segredo à religião do marido, uma prenda por tantos afetos.

– Toma cuidado, muito cuidado, sobretudo com os alanos. Diz-se que conjuram contra ti... e, agora que te conheci, não quero mais perder-te... nunca mais!

O homem que chegara da Sicília para defender os bizantinos e aterrorizar os turcos era filho de Ricardo de Flor, falcoeiro do imperador romano-germânico Frederico II Hohenstaufen e de uma jovem de Brindisi, cidade da península italiana, onde nasceu e cresceu até aos oito anos. Morto o pai, caiu a família em desgraça. Roger foi, então, levado, com a bênção da mãe, por um barco templário, ao tempo fundeado no porto da cidade.

– E o meu primo Miguel... esse tem tanta inveja e tanto medo de ti, meu esposo!... – avisou, com a face encostada ao peito moreno, e envolvida por uns braços musculados, habituados a tantas invictas lutas. – E cobiça tudo o que te diz respeito...

– Eu sei disso, Maria. Mas eles sabem que eu sei defender-me...

Roger compreendia a aflição da esposa. Mas, até àquele dia, transportara permanentemente consigo a intensa energia de um ente sobre-humano que conheceu as maiores potestades e as mais profundas misérias. Depois da derrota cristã, em S. João do Acre, o último bastião das conquistas cruzadas, Roger de Flor dirigiu-se para a Sicília, onde ajudou os reis aragoneses a libertarem-se da Casa de Anjou. Feito comandante da Companhia dos Almogávares, foi chamado a Bizâncio para ajudar o imperador Andrónico a rechear a perigosa ameaça turca que mordia os calcanhares da Nova Roma<sup>4</sup>. À frente das milícias almogávares,

---

<sup>4</sup> Constantinopla, para além de Bizâncio e, mais tarde, Istambul, foi conhecida por Nova Roma. “O bispo de Constantinopla tem a primazia de honra imediatamente depois do bispo de Roma, pois Constantinopla é a Nova Roma”, segundo o Cànone III do Concílio de Constantinopla, do ano 381.

derrotou e aniquilou, durante cerca de três anos, todos os exércitos turcos que lhe apareceram pela frente. As batalhas do Cabo Artaqui, de Aulax e do Monte Tauro tornaram Roger de Flor um mito vivo, quando, sempre com menor número de tropas, destruiu os inimigos e semeou o terror no seio dos estandartes do Islão. Mas ninguém conhecia o seu segredo...

– Ainda por cima, não te esqueças que os brutos mercenários alanos têm os poderosos e privilegiados genoveses como aliados... – Maria puxou para si o esposo, encostando-se, ambos, a uma mesa, peito contra peito. – E até o próprio Patriarca os protege! Ai, Roger, não me imagino agora sem ti...! – Um olhar ternurento e suplicante cingiu Roger de Flor àquela que desposara.

– Vá, Maria, saberemos proteger-nos... e ela vai comigo! – confortou-a, apontando para um canto da sala, onde se encontrava uma caixa de sândalo que guardava a sua secreta relíquia, companhia segura de todas as batalhas, o segredo que era só dele.

Maria debruçou um respeitoso olhar verde sobre o invólucro que albergava o objeto que o marido tanto reverenciava. Roger largou, delicadamente, os braços da esposa para ir buscar a caixa. Abriu-a, com cuidado, descobrindo a peça sagrada que protegia com o máximo das cautelas e que nunca abandonava, sobretudo nos momentos mais difíceis.

– Malditos corvos, fazem cá um chinfrim!

Enxotada a passarada que não parava de crocitar, ambos se suspenderam sobre a preciosidade. Uma aura mágica emergiu no espaço, como que tomando o controlo das consciências cósmicas daqueles dois humanos. Viram-se apoderados pelo espírito da História, navegando sobre a crista de uma vertiginosa torrente. À frente, numa imensidão de água que era um espelho vivo, transcorriam aleatórios feixes de tempo. Roger e Maria não sabiam, ao certo, se passado, se futuro.

Um silêncio denso como uma floresta virgem cercou os dois seres. Maria procurava as palavras certas para descrever as emoções.

– Roger, este objeto é... é... extraordinário... inquietantemente fascinante... – conseguiu articular, devagar.

O comandante da legião ibérica assentiu com a cabeça, enquanto olhava Maria e a misteriosa lança, alternadamente.

– Sempre que a mostras, parece que o mundo se organiza para nos encher de estranhos poderes, para nos levar a outra dimensão da existência

– comentou, com a alma enlevada, a princesa búlgara. – Mas, por outro lado, tenho tanto medo...! – asseverou, cobrindo as faces brancas com as mãos em concha, envoltas em castanhos cachos. – Pressinto males e desgraças, massacres e holocaustos... Ai, Roger, que aperto no coração!

– Tem, de facto, muito poder, Maria... Se for usada para o bem...! Senão...

Lá fora, surgiam os primeiros espíritos das trevas a fechar a tampa do dia, apagando do horizonte a última tinta violácea, que se derretia para além das muralhas de Teodósio.

– Senão?!... Senão quê, meu amo?!...

– Maria, ela deve voltar ao lugar de onde a tirei... e, então, não haverá desarmonia. Tenho esse encargo: carrego todo o seu poder, mas também o dever de assegurar a sua devolução ao sarcófago do último possuidor, o imperador Frederico II, de quem meu querido pai foi o falcoeiro.

Maria, conhecedora dos poderes e presságios a que Roger se referia, bem como da obrigação de que era cativo, encheu o peito de ar e descarregou-o numa golfada, procurando libertar-se do peso que lhe oprimia o peito.

– Tens a certeza que fizeste bem em trazê-la para estas terras?

– Só o fiz por ser necessário reunir todas as forças da cristandade para conter os turcos. E não vês como os otomanos que não acabam os seus dias no campo de batalha fogem com o rabo entre as pernas da nossa legião de almogávares?!

Maria anuiu com a cabeça, apertando-se ainda mais contra o peito do esposo. Sabia que, não fora a chegada da Companhia, o Império Bizantino corria o risco de soçobrar perante o crescente poderio bélico dos turcos otomanos. Contudo, agora que os exércitos dos infieis definharam, dizimados pelas tropas de Roger de Flor, os imperadores de Constantinopla procuravam já encontrar a melhor forma de se libertarem dos bravos guerreiros ibéricos que haviam chegado do Ocidente para os ajudarem.

– Se algum mal me acontecer, já sabes: deves fazer com que ela volte ao seu sagrado lugar! Caso contrário, as nossas almas não descansarão por toda a eternidade... – profetizou o comandante. – Agora, abraça-me de novo, Maria!

Depois de um demorado amplexo, Roger de Flor afagou, repetidamente, a barriga da esposa. Os viscosos corvos haviam voltado, trinando

uma melodia cavernosa. O primaz dos almogávares fechou a caixa, protegendo a sacra relíquia que o acompanharia a Adrianópolis, e abriu a porta para afugentar, novamente, os despropositados pássaros. Porém, quando perscrutou o horizonte, estes haviam já, estranhamente, desaparecido da vista.

– Malditas aves! Nos últimos dias têm-se fartado de me importunar!...

No dia 23 de março de 1305, choveu, copiosamente, em Constantinopla. Maria choveu, também: lágrimas verdes nos olhos da súplica, da admiração pelo marido, mas oprimidos pela ausência pressentida.

– Ela me protegerá, como sempre o fez com todos os seus possuidores, ao longo do tempo cristão. Como também em todas as batalhas que venci contra os turcos... É o nosso segredo, não esqueças!... Ninguém mais conhece os seus poderes, mas temos a obrigação de a levar a casa.

– Roger, aquela cidade traz maus augúrios! Toda a gente sabe que, há cerca de mil anos, as tribos germânicas, alanos incluídos, derrotaram os romanos em Adrianópolis... Foi o prenúncio da queda de Roma<sup>5</sup>!... E se alguma coisa te acontece, quem sabe não será um presságio da queda da Nova Roma?!... – O rosto de Maria era um mar revolto.

Seis dias mediavam a capital bizantina de Adrianópolis, na Trácia. Roger carregou aquela despedida ao longo de toda a viagem. Mas o seu espírito cavaleiresco julgava ter encontrado em Miguel IX Paleólogo, coimperador e filho de Andrónico, a luz da lealdade e da correção. E confiava, sobretudo, nos feros trezentos cavaleiros e também nos mil infantes almogávares que o acompanhavam. Em Constantinopla, ficara o resto da Companhia, chefiada por Berenguer de Entenza, com Bernardo de Rocafort, o senescal do exército, aguardando, com impaciência, o seu regresso.

Já em Adrianópolis, a festa não podia estar mais cuidada para agradecer ao grande comandante, a quem Andrónico acabava de conceder o título de César do Império, a terceira dignidade do estado, e que não se utilizava havia mais de 400 anos. Ao mesmo tempo, atribuiu-lhe o feudo

---

<sup>5</sup> A Batalha de Adrianópolis, de 9 de agosto de 378, onde as tribos germânicas comandadas por Fritigerno mataram cerca de 20 000 dos melhores soldados romanos comandados pelo imperador Valente, é conhecida como o prenúncio da queda do Império Romano do Ocidente.

de toda a Ásia Menor, com exceção das cidades. Por todo o Império, o brilho de Roger de Flor ofuscava quase tanto como o dos dois coimperadores. Por isso, Miguel, apesar de se desfazer em públicos elogios, era um jovem incomodado com o fulgor dos sucessos do esposo da prima, até porque era a primeira vez que tão rara dignidade era concedida a alguém estranho à elite da nobreza bizantina.

Depois de sucessivos dias de festejos, e sabendo das intenções de Roger em levantar a tenda para voltar, de imediato, a Constantinopla, Miguel cantou-lhe a melodia dos sedutores.

– Será o último banquete, Roger! Não nos farás essa desonra!

Vários dias de gula e luxúria haviam já animado a cidade. Os chefes almogávares não paravam de receber moedas de ouro, presentes que lhes atiçavam a avidez. De festa para festa, foram baixando os níveis de alerta, afoitando-se com a intemperança dos glutões às exóticas e fartas iguarias, às intermináveis taças de vinho, ao deleite derramado pelos devaneios ritmados das bailarinas, expressamente convocadas para as cerimónias. Nem se importaram que Girgón, o chefe dos alanos, estivesse na cidade, bem como inúmeros turcopoles comandados pelo búlgaro Basila.

– Muito bem, Miguel! Os meus homens aceitarão apenas um banquete mais: amanhã! A seguir, partiremos sem demoras!

O dia 5 de abril de 1305 foi escolhido para ser o último. Roger de Flor deu instruções a todos os companheiros para voltarem a Constantinopla, com a alba da manhã seguinte, para se juntarem aos que ali haviam ficado, e partirem, sem demoras, para a sede do novo feudo, na Anatólia. Mas, por essa altura, já cerca de cinco mil soldados imperiais haviam entrado em Adrianópolis.

Miguel embalou a Companhia com uma boda do Olimpo. Zeus presidia à corte dos céus. As damas mais ilustres do império, Afrodites, Artémis, Heras, Demeteres, iluminavam o ágape celestial, um cenário perfeito, que ainda mais animou os almogávares.

– Roger, espero que tenhas fruído do melhor banquete que a tua vida alguma vez te proporcionou. É a prova da minha amizade e admiração por todos os teus feitos, em nome do Império Bizantino – anunciou, em voz alta, como uma velha raposa. – Agora, se me permites, tenho de me ausentar... negócios importantes...

À saída do salão, uma discreta ordem a Girgón fez entrar milhares de soldados alanos. Ébrios de vinho e de luxúria, sem armas com que se defendessem, os almogávares eram o rosto da surpresa e do desespero, frente às lâminas afiadas de milhares de atacantes preparados para um banquete de carne humana e esguichos de sangue quente.

Os almogávares urraram toda a raiva do mundo, loucos por perceberem que tinham sido encurralados, como gado para o matadouro, tendo de lutar, novamente em menor número, mas, agora, sem armas.

– Cobardes, deem-nos as nossas espadas! Bando de cobardes!!!  
– Gritavam, a espumar a cólera, enquanto procuravam formar uma barreira com as mesas. – Filhos de cadelas raivosas, lutem com honra!

Mesmo combatendo com bravura, vendendo cara cada uma das suas vidas, os soldados hispânicos foram caindo, um a um, trespassados pelo fio da espada cruel dos alanos.

– O chefe, matem o chefe deles! – A voz de Girgón sobrepunha-se à açougada em que se transformara o salão do último banquete de Adrianópolis.

– Pelo sangue de Jesus que a terra bebeu, deixei a relíquia na tenda...

Dez brutos alanos, armados até às orelhas, aproximaram-se de Roger. Inúmeros corpos decepados, crânios trepanados, mesas e cadeiras viradas do avesso, carne de cordeiro assada misturada com vísceras humanas, vinho com sangue almogávar... um quadro vivo de brutal carnificina acabava de ser transposto por aquela dezena de algozes sedentos de morte.

– Maria... – O pensamento de Roger de Flor fundiu-se na neblina que guarda os umbrais da eternidade.

O fatídico presságio da esposa encontrava-se, agora, com as lâminas das lanças e espadas dos rudes alanos.

O dia 5 de abril de 1305 foi mesmo o último: para ele, Roger de Flor, e para tantos dos seus fiéis soldados! Os três primeiros atacantes chegaram mais cedo à barca de Caronte, transportados pela ferina força das mãos treinadas do grande comandante, mas ele já não pôde evitar que sete espadas o trespassassem como se acabassem de abater um animal selvagem.

Estava cozinhado o veneno da vingança. Nos derradeiros estertores, Roger não temia só pela vida. O espírito voou-lhe, novamente, para a



sua tenda cor de açafão, onde guardava a relíquia que prometera levar ao seu lugar: o sarcófago de Frederico II. Não cumprira essa missão, como era seu dever! Temia, agora, pela sua salvação, pela de Maria e pela sua linhagem que, três meses antes, se iniciara no seu ventre. Mas, sobretudo, pela humanidade!

– Maria, só tu ou a nossa descendência poderão agora salvar-nos!...  
– foi a predição com que dobrou o limiar derradeiro da peregrina existência.

## 2

### O PACTO DE MELCHIOR

*... cerca de 250 anos depois: março de 1554*

Havia muitos dias em que os sonos de Jaime Pantoja eram intermitências entre momentos mágicos, feitos extraordinários e batalhas sempre vencidas, e o breu agreste do quarto onde dormia, embora, de dia, fosse branco de cal.

Contudo, aquele rapaz, cujo inquisitivo olhar cinzento iluminava tudo onde pousasse, perscrutava todos os segredos, fulminava os aborrecimentos, sabia que aquele dia 21 de março de 1554 que se preparava para alvorecer lhe traria, finalmente, o momento por que suspirara durante tanto tempo.

Esperou, já desperto, as últimas horas, até que a criada lhe bateu à porta, acreditando num sono completo, como aquele em que o jovem jazia matematicamente as noites inteiras, depois de rezar e de se perder em pensamentos com Rosa, a rapariga que, nos últimos tempos, não lhe saía da cabeça. Vestiu-se, num repente, espargiu água pelo rosto e alisou os longos cabelos louros que, irreverentes, lhe bailavam sobre os ombros.

Quando Córdova inteira ansiava, de tanto preparo, pelas faustosas solenidades da Semana Santa, interromperam-se os estudos de Jaime e dos amigos. Era a quarta-feira anterior à Páscoa, o dia marcado para subirem à serra e ouvirem o velho eremita, de quem Simão, o português, tantas vezes falara. Tudo fora combinado, em absoluto segredo, para aquela tarde, entre Jaime Pantoja, Simão Gonçalves e Fernando del Pozo.

– Hoje estás agitado, Jaimito! Dormiste bem, ou passa-se algo que devas contar-me?! A tua cabeça parece estar bem longe desta sala!

Jaime aprendera a interpretar o que Dom Rodrigo de Cervantes dizia com as mãos e com a boca para comunicar os seus intentos. Era um médico-cirurgião de remediada reputação, surdo como uma porta desde o nascimento, por isso, um homem triste, reservado. Mas a vida ensinara-lhe a perspicácia de entender, através da subtilidade de alguns sinais, tudo o que à sua volta acontecia.

Instalara-se em Córdova no ano anterior e, como precisava de um ajudante esperto e colaborante, muito folgou quando o tio solteiro de Jaime, que dele cuidava desde que os pais morreram, afogados num poço, lhe pediu que acolhesse o sobrinho nas horas vagas. O rapaz passou, assim, a tomar os primeiros contactos com a arte, antes de, como estava previsto para o ano seguinte, ingressar na Universidade de Salamanca.

– É verdade, Dom Rodrigo! Nestas últimas noites, não tenho dormido muito bem... Acordo a pensar em aventuras, no meu futuro... – comunicou, com os sinais que nele aprendera.

– E que gostarias de fazer no futuro, meu rapaz?

– ... lutar, conquistar as terras longínquas, ser um grande soldado ao serviço de Sua Majestade, o Imperador Dom Carlos! Para as Américas, para o Norte de África, qualquer sítio onde possa mostrar a minha valentia!... – Jaime retorcia os lábios, imitando um bravo guerreiro, com o que procurava demonstrar coragem e ousadia.

– Ah, Jaimito, todos os jovens da tua idade sonham com essas aventuras. Mas, antes, tens de te preparar para a vida e ouvir os bons conselhos. Aprende bem esta arte de curar as gentes, pois nunca se saberá o quanto poderá ela ser-te útil, no futuro!

O prático de medicina afagava os cabelos louros do petiz, certo de que o orientava corretamente, enquanto apontava, com cara de falso zangado, para os livros, cuja leitura lhe recomendara durante uma parte dos dias de visita: a *Gramática*, de António de Nebrija, a *Prática de Cirujía*, de Juan de Vigo, e o *Tratado De Las Cuatro Enfermedades*, de Lobera de Ávila.

Embora fosse ofício não muito apreciado, a meio caminho entre o sangrador e o barbeiro, mas a um nível um pouco superior a qualquer artesão, o mester de Dom Rodrigo suscitava um fascínio especial no jovem cordovês. Sempre que podia, e mesmo com a incompreensão dos

amigos, que reclamavam a sua presença nas brincadeiras de rua, corria para casa do velho cirurgião, depois de ir espreitar o palácio do Conde de Alcaudete, com a esperança de ver a rapariga com quem adormecia todas as noites, em pensamento. Esta, sabendo do percurso diário de Jaime, espreitava-o da janela e acenava-lhe, discretamente, à passagem, com um sorriso aberto. Antes de deixarem de se ver, punham o dedo sobre a ponta do próprio nariz: o código secreto que ambos inventaram para dizerem que davam um beijo um no outro. Os transeuntes estranhavam os trejeitos do rapaz, de indicador arqueado sobre o nariz, e virado para a janela do palácio.

Jaime Pantoja divertia-se com o especial gosto pela descoberta do corpo humano e das maleitas que o poderiam afetar, em especial quando acompanhava Rodrigo de Cervantes nas colheitas das sangrias. Com o tempo, foi aprendendo a importância e medida certa para cada caso, examinava com atenção o mestre a reparar fraturas, a curar sequelas das rixas de estudantes, normalmente resultantes da valentia dos fanfarrões, acidentes em oficinas de vários mesteres; mas também procurava compreender o uso da palpitação do pulso, para entender tudo o que se poderia saber sobre males e alterações de humores na raça humana.

– Vá lá, segura bem nessa ampulheta, rapaz! Não percebo, mas hoje não estás mesmo nos teus dias!...

Enquanto duas filhas de Dom Rodrigo e um filho tartamudo de sete anos entravam na sala onde o médico elaborava as suas infusões medicinais, pedindo guloseimas através dos gestos que o pai já conhecia, Jaime abria, uma vez mais, aquele sorriso de quem está a escancarar uma janela interior com vista para locais tão desejados, mas que só ele conhecia. Espreitou por ela e entrevistou os outros dois amigos à sua espera, na Plaza del Potro, perto de San Nicolás, de onde haviam combinado sair, depois do almoço. Torceu o nariz com vontade de afastar aquela visão, fruto da sua fabriquentia imaginação, pois a manhã primaveril ainda ia a meio.

– Jaimito, não me ouves?! – Andrea, a filha mais nova do mestre, agarrava-lhe o braço direito, segurando um rebuçado, insistindo para que o aceitasse.

– Hoje, apareceu assim... Esse rapaz tem a cabeça noutra lugar...!

Dom Rodrigo era velho e mouco, mas carregado de razão. Chegada a hora, Jaime foi o primeiro a acabar o almoço. Percebendo a ansiedade do aprendiz, deixou-o sair mais cedo da mesa de sua casa, onde comia, como paga dos serviços, todas as vezes que ali se deslocava. O idoso cirurgião já lhe havia arrancado o motivo de tanta inquietação, que não passava de uma brincadeira combinada com os amigos, para aquela mesma tarde. Jaime só não contara a parte da visita ao ermitão que vivia na Serra Morena, pois, se o fizesse, haveria de ser imediatamente desencorajado, ou mesmo impedido de tão temerária iniciativa.

À hora prevista, os três adolescentes estavam no local certo. Três, não: quatro!

– Rosita, não podes ir connosco! – dizia Jaime, perante o ar reprovador dos amigos, que lhe tinham sublinhado que a missão era secreta. – Isto é só para rapazes, e eles não permitem...

– Vá lá, Jaime, eu também quero fazer esse pacto... Só contigo! Não é necessário que seja com eles...

– Rosita, por favor!...

Os dois adolescentes infundiam-se de recíprocos afetos, procurando todos os momentos para estarem juntos, naquela estância de Rosa, em Córdoba. Ambos iriam partir para destinos diferentes, por uma nova indefinida temporada.

– Bem sabes que vou estar muito tempo fora, na Berberia, com o meu pai adotivo... E tu vais estudar para Salamanca. Quero tanto ficar ligada a ti, Jaime... Por um pacto que nos una!

Jaime cegou-se nos olhos verdes orientais obliquamente recortados na pele tsnada, o que lhe conferia um ar exótico debaixo dos cachos de cabelos negros. Os amigos sabiam que entre aqueles dois coabitava muito mais do que a pura amizade. Mas olhavam-nos com ar reprovador. Não estavam ali para brincar aos amores adolescentes, muito menos para que uma rapariga, mesmo sendo tutelada pelo poderoso Conde de Alcaudete, pusesse em causa o desígnio traçado para aquela tarde.

– Rosita, falamos por estes dias, antes de partires para Orão. Haveremos de encontrar outra forma... E faremos o nosso pacto, prometo-te! Sabes como estou apaixonado por ti!...

Ela derramou um olhar desvanecido sobre o petiz, mas manteve-se silente e amuada.

– Vá lá, Rosita! – insistiu, pondo o indicador, arqueado, sobre a ponta do nariz e inclinando levemente a cabeça para o lado direito. – Entende que, agora, tenho de o fazer com eles...

A jovem fixou-o intensamente, fez uma pequena vénia, virou as costas e desapareceu, na primeira esquina, com a pressa dos ofendidos.

Os catorze anos enchiam o coração dos três rapazes de ânimo por aventuras, enquanto se dirigiam, apressadamente, à Serra Morena, e crescia neles a ânsia de se prepararem para um futuro de tantas façanhas.

Nos primeiros momentos, Jaime seguiu cabisbaixo, com as palavras e atitudes de Rosa ainda frescas. Haveria de remediar, logo que possível, aquela ferida. Rosa tinha razão: iriam deixar de se ver, durante uma longa temporada. E ele também desejava aquele pacto com a rapariga que lhe descompunha a alma e o sossego.

Simão, o português, vivia em Córdova há cerca de um ano. Era um rapaz moreno, de silhueta e feições magras e longilíneas, cabelo azeviche como os olhos, filho de um mercador português que comerciava no mundo mediterrânico, inclusive com o otomano, bem como no Novo Mundo, e que havia saído em prolongada viagem. Como a mãe morrera, durante o seu parto, ficara aos cuidados da tia, casada com um cordovês.

Mas, na semana anterior, recebera correio do pai a avisar que deveria embarcar no porto de Sevilha, a seguir à Páscoa, pois acabara de chegar a Lisboa. Foi o pequeno português que, então, entusiasmou os amigos a visitarem Melchior, o anacoreta que vivia numa cabana da serra cordovesa.

– Ele sabe prever o futuro e como fazer um verdadeiro pacto de sangue! – convencera-os, depois de todos pretenderem jurar, entre si, uma amizade eterna, assim que souberam do seu anunciado regresso a Portugal. – Fui lá, em segredo, com a minha tia, quando andava de humores malignos, depois da morte do irmão. Dizia que queria falar com o meu tio, no Além...

– E como é esse homem?! – questionara Jaime Pantoja, com um brilho no olhar.

– É um velho de barbas brancas... Dizem que é louco; por isso, pouca gente lhe dá atenção. Mas ele conhece muitos segredos! Foi ele

quem me disse que sabia fazer pactos de sangue para a vida inteira, e para além dela...

– Ui, isso parece coisa de bruxo... Ainda podem prender-nos e torturar-nos! – comentara, com receio, Fernando del Pozo, pois dizia-se que, a partir dos catorze anos, a Inquisição já torturava gente.

Sempre lhes fora vedado assistir aos autos de fé, mas todos sabiam que se garroteavam e queimavam os hereges, os marranos, os renegados, bruxos e toda a sorte de gente que punha em causa a verdadeira fé de Cristo. E Fernando del Pozo temia, mais do que ninguém, a vergonha de poder ser associado a algo que ofendesse a Igreja cordovesa. Muito embora seu pai, o diretor do coro da Catedral, tivesse já morrido anos antes, estava aos cuidados do tio Martín Alonso, famoso clérigo pregador e cónego da cidade.

– Acho que não... Ainda não entramos nos quinze!... – respondera Simão, para desanuviar, e todos se riram.

Em passo de corrida, os três rapazes acercaram-se rapidamente do sopé da serra. Ao longe, viam-se as ruínas da cidade palatina que, em tempos idos, fora a sede do poder califal muçulmano na Península Ibérica, a Medina Zahara. Enquanto vencia o declive, Jaime viajou, novamente, para Rosa. Aquela rapariga despertara-lhe sentimentos que a vida ainda não lhe havia feito compreender totalmente, mas que lhe provocavam formigueiros no corpo e compressões, principalmente no estômago. Recordou que abalaria, em breve, para uma prolongada estadia em Orão, no Norte de África. Receou, outra vez, o seu jovem coração, os efeitos dessa separação.

– Estamos quase a chegar à cabana do velho! – quebrou-lhe o português as cogitações, trazendo-o de volta à missão que prosseguiram e que tanto os animava.

O septuagenário homem, de rosto de casca de carvalho e cabelo tão branco como um plumoso cisne, moldando uma redonda e tostada coroa no teto da cabeça, vivia nas imediações. Mas só Simão, por entre caminhos indescortináveis a qualquer viajante, conseguia orientar a pequena comitiva, sem erro algum. Decorara-os, interiormente, nas duas vezes que, com a tia, visitara a decrépita cabana.

Melchior encontrava-se sentado sobre as pernas, com as mãos nos joelhos, fitando o local de onde surgiram os três rapazes. Vestia uma

túnica branca desbotada, cingida por uma corda à cintura. Apesar de o seu mundo de silêncio lhe ter revelado que gente se aproximava, pareceu perturbar-se quando enxergou três ofegantes adolescentes a subir a ladeira. O olhar cirúrgico, guardião do baú da sabedoria, enchido, ao longo da vida, por inúmeras viagens, íntimas reflexões sobre a condição humana e discretas observações dos comportamentos de quem foi passando por si, rapidamente farejou o português. Lembrava-se dele, de o achar esperto e curioso, e de o ter levado a visitar uma caverna escondida, onde guardava, secretamente, alguns dos seus pertences, nomeadamente, livros raros.

Jaime deteve a marcha, fixado no estranho ser que os mirava através de duas lâmpadas negras e oblíquas, despontando sob farfalhudas sobranceiras encanecidas.

– Tu és o português! – reagiu, arremessando o longo e esguio indicador de unha comprida na direção de Simão.

As longas neves que lhe escorriam da cabeça e a pose seráfica pintada pelo olhar, ao mesmo tempo sereno e penetrante, conferiam ao ancião a personificação da sabedoria e da bondade, juntas num corpo curtido pelo tempo e pelos misteriosos conhecimentos que adquiriu em viagens e secretas leituras.

– Sou sim, Melchior! E estes são os meus amigos Jaime e Fernando, com quem quero fazer um pacto de sangue – retorquiu o moço, acenando a cabeça e apontando os amigos, ainda impressionado pela força e magnetismo que emanavam do enigmático decano.

O homem fitou-os, longamente, com um ar grave e sério. O prolongado silêncio tornou-se intimidatório, até que os jovens se entreolharam, procurando encontrar uma solução para o impasse. O provento anfitrião levantou-se com agilidade, estudou os três, por uma última vez, e, quebrando o gelo, abriu um largo sorriso, assumindo um tom cordial:

– Entrem! São meus convidados!

A casa de madeira do velho eremita, um autêntico pardieiro, era despojada de comodidades. Junto à porta dos fundos, sobre uma pedra retangular, alguma cinza e utensílios pretos de fumo denunciavam a cozinha ou o que mais se lhe aparentava. Não se lorigava local onde pudesse guardar víveres ou quaisquer haveres pessoais, nomeadamente o vestuário. À entrada, encontrava-se uma decrepita mesa e respetivo



banco de madeira. Junto à lareira, via-se, sobre um móvel enegrecido, um castiçal de estanho, um crânio semidesdentado, um perfumador de cobre e uma garrafa meio cheia, cujo material de que era feita se não descortinava de tão enegrecida, à semelhança dos outros impercetíveis objetos. O odor longínquo de um perfume exótico misturado com incenso denunciava que o carvão ardera recentemente no perfumador.

Cochichava-se, em Córdoba, que Melchior nascera árabe, no último reino nazarí de Granada, antes de ser banido pelos Reis Católicos, em 1492, e ninguém afirmava com absoluta certeza que a sua conversão ao cristianismo fosse sincera. Mas o povo não duvidava da sua fama de santo, de asceta e de conhecedor dos muitos segredos antigos do Universo.

O velho eremita puxou a mesa para o centro do tugúrio e mandou-os esperar de pé, sem qualquer explicação, saindo pela porta dos fundos. Voltou com um toro de madeira, que colocou junto à mesa, para servir de assento aos hóspedes, e dirigiu-se novamente para a porta.

– Precisas de ajuda? – perguntou Jaime, incomodado por não auxiliar o ancião.

– Não, meu filho, obrigado! Tenho tão pouco que fazer por estes lados que esta é uma boa oportunidade para me exercitar.

Os três sorriram, muito embora a idade não parecesse, naquele momento, pesar nas forças e desenvoltura do delgado eremita. Depois de colocar os três assentos, perguntou:

– Então, contem-me lá essa história! Porque decidiram tornar-se irmãos de sangue?!

Jaime pegou na palavra para narrar a saga que os levou à decisão:

– Todos nós temos algo em comum: somos órfãos de pai ou de mãe. Tirando Fernando del Pozo, que tem um irmão mais velho a estudar para ser padre, nenhum de nós tem outros irmãos. Assim, decidimos tornar-nos irmãos uns dos outros – informou com avidez, enquanto os demais assentiam com a cabeça.

– Somos muito amigos e queremos fazer perdurar esta amizade durante toda a vida... – corroborou Simão, com uma leve acentuação de tristeza.

– Sabe, este nosso amigo vai viajar para Portugal e não sabemos quando voltaremos a ver-nos. – Fernando del Pozo apontara para Simão, enquanto continuava a animada explicação. – Também Jaime vai

estudar para Salamanca. Mas queremos, quando formos mais velhos, voltar a encontrar-nos. E, para o caso de precisarmos uns dos outros, independentemente dos caminhos que viermos a seguir, decidimos jurar que nos obrigaremos a auxiliar aquele de nós que estiver em necessidade.

– Muito bem! – replicou o ermitão, com ar simpático e desanuviado. – Acho que me convenceram. É uma boa razão para serem irmãos de sangue. Mas digam-me cá uma coisa: acaso tendes ideia do ritual a que vos irei sujeitar? – perguntou, num tom insondável.

Os três amigos acenaram ao mesmo tempo, confirmando o que Simão já lhes contara.

– Bom... Então, vamos a isso! Têm de voltar a casa, antes de o sol se pôr!

O ermitão saiu novamente pela porta dos fundos e, volvidos alguns minutos, retornou com um livro de aspeto muito antigo, com caracteres árabes na capa.

– Que estranho livro é esse?!

Melchior olhou profundamente para Jaime, o autor da pergunta.

– Prometem guardar um segredo? Os irmãos de sangue, a primeira coisa que devem saber, é guardar um segredo...

– Nós vamos guardá-lo!!! – responderam os três, ao mesmo tempo.

– Desde já vos digo que, se não o souberem preservar, poderão correr risco de vida. Por isso, é bom que saibam guardar este vosso primeiro segredo...

Os rapazes voltaram a entreolhar-se e anuíram, corajosamente, com a cabeça.

– Este é um de sete volumes cujos originais foram escritos em Damasco, nos primeiros anos da chegada dos árabes a esta terra, por um sábio iemenita, chamado Alhazred. Chama-se *Al Azif*, um termo árabe que designa o ruído que fazem os insetos, no silêncio da noite. Por isso, há quem o traduza por “O murmúrio dos demónios”.

Todos abriram a boca, num misto de espanto, ansiedade e temor.

– Ao longo da sua vida, Alhazred fez inúmeras viagens pelo mundo, desde Alexandria até às ruínas da Babilónia, a Mênfis, no Egito, e ao Punjab, na Índia, passando dez anos em Roba el-Khaliyah, o despojado deserto escarlate do Sul da Arábia, um território vital dos antigos muçulmanos.

Os três estavam já enfeitiçados pela epopeia que o ermitão narrava.

– Diziam que era louco e, por isso, foi perseguido. Aliás, também o dizem de mim. Mas nunca alguém consegue provar a insanidade dos sábios. – O velho perscrutava os olhos siderados dos jovens ouvintes, como que para se certificar da atenção e munir-se de confiança para prosseguir. – Alhazred era mestre em matemática, astronomia, filosofia e metafísica, conhecimento que adquiriu na sabedoria dos antigos egípcios e caldeus.

Melchior levantou-se, então, erguendo o braço direito e pedindo-lhes que esperassem algum tempo, enquanto voltava a sair pela porta de trás. Quando esta se fechou, os três rapazes evitaram olhar uns para os outros, de modo que se puseram a percorrer com o olhar todo o espaço da cabana. Todos pousaram a vista num conjunto de pergaminhos de pele de cabra, encostados à parede, bem como numa lanterna com lamparinas de cera queimadas.

Sem se atreverem a levantar-se e mexer em tais objetos, ficaram uns instantes quietos. Por fim, para quebrar o peso da quietude, Jaime colocou a mão sobre o livro que o eremita explicava, acariciou a capa dura de pergaminho, velho e gasto, e tomou-o para melhor o sentir. Todos se espantaram ao verificarem que o livro pareceu abrir-se em dois, e que a metade inferior estava escrita noutra língua, cujas letras eles conheciam, o castelhano. Mas muitas folhas estavam ainda por preencher.

Parecia que Melchior andava a traduzir o livro secreto. Puseram tudo no devido lugar, antes que o eremita regressasse com o que o movera para fora do casebre: uma enfusa de água que encheu no regato que passava ali perto, para oferecer a todos os convivas. Os rapazes agradeceram a providência, que lhes matou a sede e a curiosidade.

– Continuemos!... Há para aí quinhentos anos, o manuscrito foi traduzido para grego, em Bizâncio, por Theodorus Philetas, que lhe chamou *Necronomicon*, que quer dizer “O Livro dos Nomes Mortos”. E, a partir de então, alguns iluminados do mundo ocidental descobriram que este livro procura ensinar o acesso à imortalidade, a comunicação com os antepassados, a devolução à vida de pessoas que já partiram, a conceção de filhos; enfim, tudo segredos que qualquer humano gostaria de saber!...

– Isso é verdade! Quem não gostaria?!... – retorquiu Jaime, abismado.

– Já ouviram falar de Tomás de Torquemada?

Os três jovens franziram o cenho. O nome do primeiro inquisidor-

-mor espanhol era de todos conhecido pelos métodos com que, décadas antes, obrigara os hereges a confessarem os delitos religiosos.

– Pois bem, este livro foi traduzido pelo seu secretário particular há tantos anos como eu tenho de vida. Mas, a seguir, a própria Inquisição queimou-o vivo, bem como às suas traduções. Já percebem por que razão é perigoso falarem disto?! Poderão crepitar na fogueira!!! – Melchior sabia que aquelas aterrorizadoras palavras garantiam o silêncio de todos.

– E não tens medo que te queimem também?! – questionou Jaime, apontando para a metade do livro já traduzida em espanhol.

– Malandros!... Isso não se faz! Espiolhar um velho eremita! – redargui, em falso tom zangado. – Bem, na verdade, é por isso mesmo que eu sei que não me queimarão – continuou, com o sorriso dos astutos. – Quem me pediu uma tradução foi a própria Inquisição. Bom, uma não, duas traduções!...

– Duas?!

– Sim, duas! Enquanto estiver nestes trabalhos, estou seguro de que não irei parar à fogueira... Se não fosse isto, tenho as minhas dúvidas que aceitassem o meu modo de vida. Dizem que sou louco, não é?... E que não sabem se sou um verdadeiro cristão!?...

Os adolescentes anuíram, em lentos e silenciosos gestos.

– Dizem isso lá nas ruas de Córdova! – atestou, finalmente, Fernando del Pozo.

– E para que pretende a Inquisição um livro maldito como esse?! – inquiriu Jaime Pantoja, que não aguentava de curiosidade.

– Essa é uma boa pergunta, meu valente! – Melchior referia-se, com graça, ao significado do apelido do rapaz. – Ao que apurei, alguns membros da Inquisição procuram tomar a posse de duas importantes relíquias, para imporem a sua lei e dominarem a humanidade. Uma delas é este livro, a outra é uma lança, cujo possuidor detém uma magia muito potente, suficientemente capaz de, com ela, subjugar todos os inimigos, e exercer um grande poder no mundo.

– E que lança é essa? – interpelou o português, visivelmente desassossegado.

– Não sei... Ainda não sei, mas hei de descobrir, quando aqueles malditos voltarem cá. Com umas certas poções tiradas deste livro, hão de falar, esses fanáticos!...

Os moços temeram, então, perante os poderes secretos daquele

homem que parecia estar seguro do que dizia e dominar mundos misteriosos e intangíveis. Recearam também o poder das relíquias de que falava.

– Vamos lá ao pacto, que se faz tarde! – ordenou, com um movimento largo dos braços. – Agora, todos em silêncio! Abram as mãos sobre a mesa, viradas para cima!

Velas e círios ardiam já dolentemente sobre a mesa. Melchior acendera-os propositadamente para o momento, ao mesmo tempo que destapava um estranho símbolo negro, igual ao da capa do livro árabe que abriu, de seguida, com lenta solenidade. Leu então uma monocórdica lengalenga num idioma impercetível para os compenetrados amigos e, uma vez terminado, voltou à língua castelhana:

– Jurais, pelo vosso sangue, tornar-vos irmãos para sempre?

– Sim, juramos!

– Jurais que vos auxiliareis, mutuamente, sempre que algum de vós necessite, independentemente do lugar onde se encontrar e da religião que professe?

– Sim, juramos!

– Jurais guardar segredo de tudo o que saibais que possa afetar qualquer um dos que participam neste juramento?

– Sim, juramos!

– Jurais que só a morte vos libertará deste juramento?

– Sim, juramos!

Melchior retomou o livro e arengou umas palavras mais, no mesmo desconhecido idioma. Meteu a mão por entre a túnica branca e tirou uma faca afiada. Os rapazes já sabiam que esse momento haveria de chegar, por isso, aceitaram o ritual com o peito inchado de orgulho e de coragem. Mesmo assim, Jaime cerrou os dentes quando viu a ponta aguçada da naifa apontar aos fios de sangue dos pulsos que, de imediato, fizeram brotar gotas vermelhas. O anacoreta tomou as três mãos sangrantes e fê-las cruzar-se entre si durante algum tempo, ferida contra ferida, sangue por sangue. A dor era coisa menor, quando todos eles se embeberam da seiva dos amigos.

– Agora, o sangue de cada um de vós corre nas veias de todos. Sois verdadeiros irmãos de sangue e deveis cumprir as vossas promessas, sob pena de que muitos males se abatam sobre o vosso destino!